

Manoel Ignacio Rollemberg dos Santos

Preito de benquerença ao saudoso erudito

Guido Arturo Palomba

Sempre bem-vestido, elegante e educado, não tergiversava nunca. Apegado à história, amigo lhano, colaborador assíduo deste *Suplemento Cultural*, Rollemberg nos deixou em 26 de outubro de 2012.

Dedicou-se de *copore et anima* ao Santo Sudário, sobre o qual dizia, com propriedade, que a denominação mais adequada seria Santo Linho, Santo Lençol ou ainda Santa Mortalha, devido às características do pano, bem como ao seu emprego. Explicava que não era um sudário, mas um lençol, ainda que o nome devesse permanecer Santo Sudário, em respeito à história que o consagrou.

Peregrinou pelo mundo a fim de inteirar-se dos seus infinitos mistérios. Certa vez, em conversa informal, Rollemberg nos ensinou que à época da morte de Jesus era comum colocarem pequenas moedas sobre os olhos dos mortos, costume que remontava aos tempos gregos, em que se acreditava que o falecido, para atravessar o rio das profundezas, deveria pagar uma taxa a Caronte, o barqueiro de Hades. Disse-nos que no Santo Sudário há nítidas marcas referentes a essa prática e que as do olho esquerdo correspondem a um *lepton* (palavra grega que significa “coisa muito pequena”) especial, cunhado em 29 da nossa era, em tributo ao imperador Tibério, como homenagem a sua mãe Julia. É o *lepton julia*.

Rollemberg, nesse momento da conversa, tomado de especial emoção, contou-nos que, voltando do Egito, em Paris visitou todos os *booknistas* ao longo do Sena, bem assim ruela por ruela do *quartier latin*, a procurar a pequena moe-



Rollemberg em 7 de março de 2012
(posse na Academia de Medicina de São Paulo)



da. E nada de achá-la. Não desistiu. Na Place du Parvis, ao lado do velho Hotel Dieu (correspondente à nossa Santa Casa de Misericórdia), obtive a informação de que talvez pudesse encontrá-la no Hotel des Monnaies, no Quai de Conti. Lá foi ele. Bateu à porta, foi atendido e... nada, mais uma vez ninguém sabia onde havia um *lepton juolia*. Já estava prestes a desistir quando um senhor que ouvia as suas consultas, pedindo licença, tomou parte na conversa e disse que somente uma pessoa poderia lhe dar informações seguras sobre o que procurava, fornecendo-lhe o nome e o endereço de um famoso numismata parisiense. Tomado de curiosidade e de ansiedade, Rollemberg foi ter ao local, avindo-se com o referido senhor. Perguntou pela moeda, explicando-lhe as origens e as características que deveria ter. E o numismata, abrindo um armário, retirou uma pequena gaveta com compartimentos quadriculados, contendo moedas do início da nossa era, onde havia somente um *lepton*, cunhado por Pôncio Pilatos no ano 29, com a inscrição em grego “De Tiberius Cesar”. Era o *juolia*.

Tivemos a oportunidade de ver esse cimélio pelas mãos de Rollemberg, que o adquiriu naquele encontro com o famoso numismata.

À parte de ser um grande conhecedor do Santo Sudário, Rollemberg era, na acepção exata do termo, um erudito. Poliglota, apreciava artes em geral. Autor de vários livros, homem plural, tinha, por *hobby*, fotografar. Dizia que eram registros de momentos especiais vividos em plenitude, seus aprisionados instantâneos, a conter emoções e sentimentos.

Exímio cirurgião pulmonar, Membro Titular da Academia de Medicina de São Paulo, deixa a vida terrena para entrar na imortalidade reservada aos homens joias raras da medicina e da cultura.

Saudades.

Crônica de fim de ano

José Hugo de Lins Pessoa

No momento em que os ponteiros do relógio chegaram, exatamente, à meia-noite, ela disse: “o tempo não para”. Falei: “Feliz Ano-Novo!”. Ela sorriu e respondeu: “isso é pouco, muito convencional; lembra que dissemos isso no ano passado?”. Procurando as palavras certas, disse a verdade: “não guardarei deste ano que termina nenhuma tristeza especial, nenhum arrependimento. Não ganhei dinheiro, não construí patrimônio, mas não fui aprisionado por remorsos e não sofri com doenças. Vivemos nossa paixão de modo intenso e tivemos a dose certa dos conflitos dos que se amam”. Olhei em volta e havia um clima de alegria nas outras mesas, as pessoas nos cumprimentavam, arrisquei perguntar: “que propósitos faremos para o ano que se inicia?”. Alguns segundos de silêncio e ela propôs: “nenhum, que tal simplesmente viver a vida?”. Beijamo-nos.

Nos últimos minutos do ano, somos como passageiros prestes a embarcar em uma viagem desconhecida. Nesses minutos, antes da contagem regressiva, sentimo-nos na fronteira do tempo. Vivemos um momento de despedidas. A insegurança do desconhecido, a vontade de ficar e o medo de ser esquecido são os conflitos vivenciados pelo homem no momento de partir. Olhamos para o lado e não adivinhamos o que significa a viagem para cada um dos outros passageiros. A mudança de ano permite o embarque de todas as virtudes e de todos os pecados.

O garçom se aproximou e não hesitei em pedir a melhor champanhe. Naquele momento, a vida parecia ótima. Lembrei o conselho que recebi do meu pai em um longínquo *Réveillon*, quando era adolescente: “ponha as tristezas em uma gaveta e jogue a chave fora, muito longe”.

No ano que termina, houve momentos de insegurança, medo, angústia, dor e perda, mas também de confiança, harmonia, saúde, trabalho, paz, sonho e amor. Esse ano que agora acaba foi igual a muitos outros anos anteriores. Não existe, na verdade, “ano novo”. O tempo não se divide, é contínuo desde o nosso nascimento até a nossa morte. O homem e o tempo harmonizam-se, fundem-se. O tempo

somos nós mesmos, o tempo existencial. A morte é o tempo que para.

A fantástica ideia da construção de um calendário, com dias, meses e anos, permitiu definir outro tempo, o quantitativo. O tempo quantitativo, em oposição ao tempo existencial, faz parte do domínio das ciências positivas e ligou o homem ao relógio. O tempo do calendário serve para medir a duração do nosso trabalho, dos investimentos econômico-financeiros e avisar quando será a época do sol e a da chuva. A convenção do *Réveillon* foi criada para renovar esperanças. A esperança é a razão do viver, como dizia Kant.

Ao comemorar a chegada de um “ano novo”, estamos também nos despedindo de um “ano velho”. Despedimo-nos de nós mesmos, na esperança de renascer. Na concepção nietzschiana, estamos sempre buscando o retorno à inocência, às fontes do ser. O que realça a festa de fim de ano é que há nela a religação entre os seres humanos, a confraternização universal. E existem os sonhos. No último dia do ano, podemos sonhar e desejar e fazemos isso todos os fins de ano da nossa vida. Machado de Assis alertava que “um dos ofícios do homem é fechar e apertar muito os olhos a ver se continua pela noite velha o sonho da noite moça”.

Alternamos durante a nossa existência, inevitavelmente, períodos maiores ou menores de dor e de alegria, de angústia e de serenidade, de desespero e de esperança, independentemente do calendário. Queremos manter a felicidade quando a encontramos. Entretanto, a vida é uma experiência instantânea, que não permite ser encaixotada.

Olhando-a nos olhos, respondi: “sim, vamos simplesmente viver a vida”.

José Hugo de Lins Pessoa
Professor e Doutor em Pediatria,
Ex-Presidente da Sociedade de Pediatria de São Paulo

O mito de Semiramis e suas óperas

João Guidugli-Neto

O mito de Semiramis apresenta, como grande parte dos mitologemas, variações. Mas há constante de nascimento ligado a um rei ou a um deus, abandono em montanha sendo alimentada por pombas e acolhimento por um pastor, caracterizando-a como pertencente ao ciclo dos heróis. A ação após a morte está presente numa das variações quando, ao deixar a coroa ao filho, desaparece, transformando-se em pomba.

Muitas das coisas em volta de Semiramis são baseadas em lendas gregas e, talvez por isso, menos confiáveis, embora mais interessantes. O primeiro autor que fez referência a ela foi Heródoto, o historiador grego que viajou à Babilônia no meio do quinto século a.C. Segundo uma das tradições, a cidade de Babilônia fora fundada por ela, que construiu também os jardins suspensos. Heródoto credita a ela a construção dos bancos artificiais que confinam o Eufrates. Também era conhecida como Ishtar, originando a palavra Easter (páscoa) e Este (onde nasce o sol). Os ritos de primavera, nove meses antes do nascimento do sol de inverno, foram os precursores da páscoa cristã.

Semiramis foi esposa de Ninrode (Ninus), que, segundo Gênesis 10:8-12, foi um poderoso rei que inaugurou a cidade bíblica e a torre de Bab-el (o portal de Deus) e que mudou depois da intervenção divina para Babel (confusão). Na “Divina Comédia”, de Dante, no Canto V, está situada no segundo círculo, onde ficam os luxuriosos.

Nas lendas armênias, é relacionada com o rei Ara, “O Belo”. No século XX, o poeta Nairi Zarian recontou a história dos dois, a qual é considerada uma obra de arte da literatura armênia.

A mãe Semiramis é representada como a rainha do céu, coroada, segurando Tammuz nos braços. O culto desta figura disseminou-se pelo mundo antigo, como Semiramis e Tammuz, Isis e Horus, Maria e Jesus. Beleza, força, sabedoria, orgulho indomável, resolução inquebrantável e vo-

luptuosidade eram seus atributos principais. Por exemplo, Catarina II da Rússia, talvez menos pela energia política que pela sua vida íntima, turbulenta e lasciva, foi rotulada como a Semiramis do Norte.

O 25 de dezembro era celebrado como o nascimento de Tammuz. Na antiguidade caldaica, era conhecido como o dia da criança; a noite anterior era a noite da mãe em homenagem a Semiramis. Os romanos tinham a festa da saturnália em honra a Saturno. Esse festival era celebrado entre 17 e 23 de dezembro; nos últimos dias, trocavam-se presentes em honra de Saturno. Em 25 de dezembro, era celebrado o nascimento do sol invencível (*natalis solis invicti*).

As óperas

Escreveram-se várias óperas, balés e outras obras. Semiramis aparece como uma anciã na obra de Eugène Ionesco, bem como em diversos filmes, peças de teatro, e até nomeou um grupo de rock da década de 1970. Apesar do grande número de composições em torno desse mito, as óperas curiosamente pertencem, predominantemente, a duas vertentes.

Primeiro grupo

Giram em torno do libreto de Pietro Metastasio (1698-1782), talvez o mais influente libretista de seu tempo. O libreto de Semiramide, escrito em 1729, foi bastante utilizado e trata não dos momentos finais, como em Voltaire, mas de momentos de glória triunfal da personagem. Foi escrito para ser musicado pelo compositor calabrês Leonardo Vinci. Cerca de trinta compositores posteriormente musicaram esse libreto. Entre eles, Archibald Willibald Gluck, que compôs, em 1748, “La Semiramide riconosciuta”, para o aniversário da imperatriz Maria Theresa e a abertura do reformado Burgtheater. A ação principal da trama é o reconhecimento de Semiramis, que governava disfarçada de homem, passando-se por seu filho Nino. No

final, é reconhecida como ela mesma e, por isso, parte dessas óperas recebeu o nome de “Semiramide riconosciuta”. Desse grupo, parece ser a mais importante a composição de Meyerbeer. Há gravação disponível de 2006 com a Orquestra Filarmônica de Württemberg, fazendo o papel de Semiramis Deborah Riedel.

Segundo grupo

Quase vinte anos mais tarde, o filósofo e dramaturgo Voltaire escreveu um drama intitulado “Semiramis: Tragédie em cinq actes et en vers”, de 1748, o qual trata não de momentos de triunfo, mas da fase final e da morte da rainha. Este libreto foi aos poucos deslocando o libreto italiano, dando origem a uma nova série de óperas. A versão que ficou mais famosa foi a de Gioachino Rossini (Veneza, 1823), com libreto de Gaetano Rossi. O papel título foi composto para sua então esposa, Isabella Colbran, com quem se casara havia cerca de um ano. O Metropolitan Opera House (MET) de Nova York reviveu-a em 1990, com June Anderson alternando o papel com Lella Cuberli, Marilyn Horne, Stanford Olsen e Samuel Ramey. A gravação disponível é com June Anderson. Nessa montagem, numa cena do primeiro ato, ela aparece em um trono ladeado por asas, mostrando sua ligação com pombas.

Após a abertura, que é exuberante, a peça começa com a rainha Semiramide, que prometeu nomear o novo rei. Tem direito até ao aparecimento do fantasma do rei Nino, que se levanta de sua tumba e proclama que Arsace será rei, mas deverá entrar em sua tumba para fazer um sacrifício às cinzas do rei morto, vingando sua morte.

O sacerdote Oroe revela que Arsace é o filho de Nino e Semiramides, que teria o direito de herdar o trono, e que sua mãe e Assur haviam matado seu pai. No meio de um duelo, Arsace acaba matando-a por engano.

Considerações finais

A figura de Semiramis alimentou, ao longo dos séculos, a imaginação de poetas, dramaturgos e pintores para a elaboração de suas obras. É interessante como um mito tão rico teve numerosas óperas e peças escritas, entretanto pertencentes predominantemente a duas vertentes. Que mal-

dição permaneceu sobre a personagem para isso assim ocorrer? Suas duas principais representantes, a de Meyerbeer e a de Rossini, tratam de momentos históricos diferentes: a primeira, de triunfo; e a segunda, da morte da personagem. Entretanto, estilisticamente, sob o ponto de vista musical, é possível traçar mais comparações entre essas duas peças do que, por exemplo, entre o Otello de Rossini e o de Verdi.

João Guidugli-Neto

*Doutor em Medicina pela Escola Paulista de Medicina;
Professor Livre-docente, Faculdade de Odontologia
da USP; Ex-professor Titular de Patologia Geral,
Faculdade de Odontologia da USP*

Um Repente

Afiz Sadi

Deste lado da vida, falo com o tempo.
 Ele sussurra, sibila, por vezes estrila.
 Mas rápido, apressado, ele não fala
 Surge no espaço tranquilo, suave, grácil, procurando contato.
 Traíçoeiro, não é confiável; desaparece por épocas ofertando loas.
 Você se aproxima, fala, mas ele se cala.
 Agride seu corpo, perturba sua *mentis*.
 No seu tom de bom tempo, ele é sutil;
 não se expõe na sua verve contínua,
 sua lavra é abundante, mas não fala, cala.
 Perpassa na vida em todos os tempos.
 Surge de repente sem argumentos.
 Silencia, sem fala e sempre se cala.
 No som da fala, no tom da palavra,
 na lavra que lavra e cala,
 continua persistente, sem fala e
 leva sua vida num repente.

Uma Tarde

Afiz Sadi

Boa tarde, tarde melhor ainda quando a vejo, a graça solta e límpida como nua e solta a garça esvoaça nos páramos da vida.
 Grácil vida ao grassar da vida, quando os olhos se aprofundam e o olhar inunda todo o volver da vida.
 O seu porte firme, seu sentido de querência, seu caminhar na frequência batida do desejo fazem com que todos se curvem em genuflexo à sua passagem, sentindo a exalação do perfume de uma flor.
 Flor de amores firmes, saudosos e lídimos, perfume embriagador adrede a epiderme melânica e criador osmótico, ao longo do tempo e ao curtir do tempo.
 Boa tarde, portanto, ao início da tarde; tarde sorrateira que nos rouba o tempo e, do tempo, a própria tarde; tarde que balança o corpo, exala o perfume da saudade e não fala, lavra que se cala.
 No calar da tarde, já sofrida da espera silente, ela sente a noite e cala; estala seu ardor e não fala, evolva-se e se cala.

O menino de Manhumirim

Homenagem a Hudson Hübner França

Edgard Steffen

Newton de Oliveira

Ao sexto filho de João e Regina, além do próprio sobrenome, pespegaram-lhe o nome de um país — que, por sua vez, era designativo de um dos padrinhos-testemunhas —, talvez para compensar a pequenez do lugar do nascimento. A cidade era tão pequena que sequer possuía serviço telefônico e calçamento de ruas. Chegaram a excluí-la do *Guia 4 Rodas*.

*Tiraram Manhumirim do
Guia 4 Rodas.
Mas tem a Rua do Sapo
(Sapo de Baixo e de Cima)
com seus meninos descalços (...)
na rua que é toda sua.*

Ele próprio andou descalço pelas ruas empoeiradas, engraxando sapatos, vendendo pipoca e doces na estação de trem, entregando compras de um armazém de secos e molhados.

Manhumirim era um quase nada, mas tinha o Rio do Ouro.

*É o rio em que brinquei criança,
rio da meninice,
rio que na velhice
encanta minha lembrança.*

O ouro estava apenas no nome daquelas águas. Faltava aos bolsos da família. Limitados recursos financeiros levaram o jovem a morar, com um irmão, em São Paulo. Também o obrigaram a estudar sozinho para ingressar em faculdade (desde que fosse pública). Aprovado em 7º lugar na USP, foi considerado o 2º melhor aluno daquela turma. Formado, foi para Sorocaba, de novo para morar com seu irmão, até amealhar clientela, casar e constituir família.

Com sua namorada — também mineira e professora —, casou-se para toda a vida. Juntos envelheceriam. Ao captar os primeiros sinais de envelhecimento na Diva, ele registrou:

*Por uns poucos cabelos brancos numa
cabeça tão longamente querida.
Como é curta a distância
na estrada do tempo.
Os meninos com jeito de infância,
Minha mulher com um penteado de que me esquecera.*

Tiveram três filhos. A fatalidade levou, precocemente, o caçula. Os outros dois seguiriam o caminho paterno e tornaram-se médicos. O mais velho escreveria no prefácio de *Poemas da Hora Escassa*: “Meu pai é um homem que, como os outros mineiros de montanhas duras, se apresenta com divisas muito claras e definidas, tácitas, sem embargo peremptórias. Além de mineiro, já deve ter nascido médico...”.

A escassez de horas para compor seus poemas deveu-se à grande clínica, angariada pela competência, devotamento aos doentes, convívio com alunos e incansável dedicação aos estudos. Toda manhã podia ser visto, na Biblioteca, imerso em livros e revistas de Medicina. Defendeu tese, tornou-se professor titular e alcançou o cargo de Diretor-Geral do CCMB-PUCSP¹.

Turista diferenciado, conheceu o Mundo; profissional e morador, nunca mais saiu de Sorocaba. Tornou-se sorocabano por opção e direito. A Câmara Municipal outorgou-lhe o título de cidadão. Enquanto a idade permitiu, jogou tênis, futebol e basquete. Com seus poemas ágeis, diretos e criativos, foi grande colaborador no *Suplemento Literário da Associação Paulista de Medicina*.

De prosa curta e incisiva, costumava ir direto ao assunto. Entrevistado na TV local sobre seus relacionamentos, não teve pejo em declarar: “Tenho muitos conhecidos, porém

¹ CCMB-PUCSP — Centro de Ciências Médicas e Biológicas da PUC de São Paulo.



Hudson Hübner França

um só amigo: Dr. Newton de Oliveira!”. Não era muito de falar, mas, ao fazê-lo — em Medicina ou Cultura —, conseguia tornar de fácil compreensão os mais profundos conceitos.

Talvez preferisse o silêncio.

*Puxei a cadeira
mais junto do silêncio
para poder conversar.*

Até as vésperas de suas fibras miocárdicas baquearem, frequentou academia e esteira, com a mesma regularidade com que estudava. Conseguiu driblar a cardiopatia que, precocemente, levava parentes e amigos. Resistiu até os 83 anos. As coronárias endurecidas pela idade não aceitaram cateterismos nem pontes de safena. No meio da noite, o coração do médico-poeta parou.

*No meio da noite
ouço um ruído.
Não sei
mas
parece que o silêncio soluçou.*

Todos nós soluçamos em silêncio, em 6 de agosto de 2012, para respeitar o descanso, como ele mesmo pediu:

*Vivi muito, vivi...
Quero, agora, apenas dormir.
Que mais eu posso querer na minha idade
senão
o conforto de morrer com dignidade?*

Hudson Hübner França (1929-2012)

Per Dei misericordiae requiescat in pace.

Nota dos autores: Os versos transcritos foram extraídos do livro *Poemas da Hora Escassa*, do Prof. Dr. Hudson H. França.

Edgard Steffen e Newton de Oliveira
Médicos

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nilceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.